

A ação do ensino da dança não emancipatória dos professores que atuam em escolas de rede particular de educação infantil em Salvador

Carine Andrade

Graduada

Mestranda no Pós -Graduação em Dança / UFBA – Universidade Federal da Bahia

Resumo: Esta pesquisa propõe apresentar uma abordagem acerca das práticas pedagógicas do ensino da dança em escolas de rede particular de educação infantil, situadas na cidade de Salvador. Visa especificar os modos de atuação dos professores de dança que trabalham com a técnica de ballet clássico, considerando que a atual prática pedagógica do ensino da dança não favorece o desenvolvimento a emancipação do aluno na experiência em dança. Propõe-se assim, focar nos modos de ensinar, considerando que tais modos têm se configurando numa abordagem tecnicista somente, abarcando características que limitam a exploração do trabalho de corpo na dança nestes contextos.

Palavras Chaves: ballet clássico, ensino de dança, educação infantil, escolas, emancipação

A proposta deste trabalho é discutir acerca das práticas pedagógicas do ensino de dança, focando nos modos como são ensinadas as técnicas de ballet clássico em quatro escolas da rede particular de educação infantil em Salvador. Tem como critério inicial a seleção de profissionais encaminhados por escolas de ballet por intermédio de parcerias com as escolas de educação infantil em Salvador. Será realizada uma amostragem não-probabilística. Considerando que este modo que são ministradas as aulas de ballet, nestes contextos, não favorecem ou possibilitam o desenvolvimento e a emancipação da criança na experiência em dança.

Segundo Adorno:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás, uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade (p. 155).

Para entender sobre emancipação, proponho partir da idéias trazidas por Adorno (p. 185) , que nessa temática adverte contra um conceito errado sobre o termo emancipação e do problema da autoridade na formação de indivíduos que se encontram ainda em pleno desenvolvimento. Autoridade que é imposta tende a desenvolver pessoas na condição de simples reprodutores, ainda mais quando a autoridade é recebida na infância. Também afirma que, a própria sociedade impede a emancipação do homem, devido à irracionalidade da racionalidade técnica que domina a consciência da população. Qualquer tentativa de mudança parece ser condenada à impotência, pois essa tendência condiciona e impede ver outras proposições, ou até mesmo outros modos de funcionamento. Quem, mesmo assim, buscar uma transformação, “só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz” (p. 185).

Educar para uma emancipação, portanto, torna-se um sonho distante do autor quando observada a realidade de seu tempo pois não é esse o objetivo daqueles que detém o poder, tampouco da sociedade industrial, que visa manter seus clientes sempre alienados dos seus produtos. Porém, isso será validado somente quando existirem professores comprometidos com o ensino, que estimulem seus alunos a produzir conhecimento e uma consciência libertadora, autônoma, capaz de atentar para os fenômenos sociais de seu tempo e se impor diante de ideologias que tentarem impor. Por outro lado, isso também só é possível se existirem alunos abertos à mudança, o que provavelmente acontecerá se estes receberem desde a sua infância.

Mesmo diante das mudanças de paradigmas e dos modelos de dança a ser ensinado não serem mais considerados hegemônicos, enquanto possibilidades de trabalho corporal, esses contextos ainda mantém uma estrutura de ensino com o entendimento sobre dança firmados na técnica somente. Já existe, a possibilidade de desenvolvimento de outras abordagens corporais que possibilite mudanças deste entendimento, desde a relação do professor com o aluno até novas proposições de movimentação nas aulas de dança.

Acredita-se que essas ações tendem a limitar a exploração da dança por outros vieses, a exemplo da exploração quanto ao uso do espaço – direções trabalhadas, experimentação de outras possibilidades de movimentações no corpo, que geralmente não

criam diálogos na relação com o mundo e na exploração na criação da criança através de outras informações, muitas vezes trazidas pela própria criança; tende a disciplinar o corpo nos moldes propostos pela técnica. Seguir normas, através das vestimentas como uma “regra” para compor a moldura da aula; não possibilita o aluno do sexo masculino participar das aulas, pois é vista como uma linguagem a ser trabalhada somente com pessoas do sexo feminino. Além de não favorecer o acesso a crianças com estruturas corporais diferentes das consideradas “normais” fisicamente pela sociedade. O conhecimento geralmente é pautado na transmissão e não na construção, pois esses modos de ensinar não valorizam o processo de construção, pois se limitam a percorrer caminhos em direção a uma produção final, geralmente tem caráter espetacular resultante desse caminho, de onde acredita-se que surge a sedução dos envolvidos nestes contextos, pela proposição que tal técnica propicia e seus respectivos resultados. São nesses moldes que o conhecimento e a representação da dança estão sendo ensinados e desenvolvidos em muitos contextos educacionais de escolas de educação infantil em Salvador, inclusive com seres tão abertos ao mundo e tão ávidos de explorar e conhecer. Segundo a LDB, considera-se, no âmbito internacional, que a educação infantil terá um papel cada vez maior na formação integral da pessoa, no desenvolvimento de sua capacidade de aprendizagem e na elevação do nível de inteligência das pessoas, mesmo porque inteligência não é herdada geneticamente nem transmitida pelo ensino, mas construída pela criança, a partir do nascimento, na interação social mediante a ação sobre os objetos, as circunstâncias e os fatos.

Segundo o MEC (Ministério de Educação e Cultura), no diagnóstico descrito no plano nacional de educação, especificamente na educação infantil, aborda acerca do período de desenvolvimento na infância, considerando ser uma fase em que na ocorrência de um determinado estímulo ou experiência exerce maior influência sobre a inteligência do que em qualquer outra época da vida, descuidar desse período significa desperdiçar um imenso potencial humano. Ao contrário, atendê-la com profissionais especializados capazes de fazer a mediação entre o que a criança já conhece e o que pode conhecer significa investir no desenvolvimento humano de forma inusitada. Se essas oportunidades forem perdidas, será muito mais difícil obter os mesmos resultados mais tarde. Trata-se de um tempo que não pode estar descuidado ou mal orientado.

Tais práticas de ensino, nestes contextos, colaboram reforçando um entendimento limitado acerca da dança. Principalmente de um entendimento pré-concebido pelas mídias. Considera-se também, a possível estimativa de que grande parte dos responsáveis pela parte pedagógica da escola, não tenham conhecimento acerca de tais transformações ocorridas no âmbito da dança, principalmente quanto ao reconhecimento enquanto área de conhecimento e das mudanças ocorridas acerca de novas possibilidades de trabalho de corpo na dança, que não necessariamente seja técnica. Esses modos de atuação pautado na técnica, sustentam um entendimento de caráter espetacular. Com isso, percebe-se que existe ainda nesses contextos um entendimento da dança nos padrões técnicos, onde muitos pais exigem que sejam trabalhadas a dança nessa estrutura, por desconsiderar que qualquer trabalho de dança diferente deste, não seja dança. Reforçando uma tendência de favorecer os alunos *destaques*, considerados nesses trabalhos muitas das vezes, por ter estruturas corporais que favoreçam, como a flexibilidade, a facilidade de corresponder as estruturas de “qualidade e limpeza” de movimentação propostas na técnica do ballet clássico. Provocando em muitas situações, a exclusão dos desfavorecidos dentro dessa visão, ou seja, que não correspondem as expectativas desejadas do público. Sendo postos atrás dos “destaques”, muitas das vezes eliminadas de determinadas parte do trabalho com o propósito de facilitar o andamento dos ensaios, compor um cenário, no caso de não corresponder a um resultado imediato nos ensaios, por exemplo. Se não pela professora, tende a ser por parte da coordenação. Se tornar ainda alvo de comentário de público acerca do mal treinamento dado, ou até mesmo de que não dançou bem, enfim. São considerações elevadas no caso de não corresponder ao que o exercício da técnica demanda. Além de não favorecer crianças especiais. Inclusive um dos objetivos e metas na LDB é justamente o de adequação às características das crianças especiais, onde tal técnica se restringe a uma estrutura de corpo considerada pela sociedade de “normal” e não propicia o desenvolvimento de aulas que também atinjam os que se constituem fora desses padrões.

Propõe-se, então, ampliar essa discussão e levantar na pesquisa uma análise crítica acerca de tais práticas, onde serão analisadas algumas aulas e entrevistas com agentes envolvidos (diretores/ coordenadores, professores e crianças), considerando o conjunto que favorece essa manutenção do ensino da dança nestes espaços educacionais, e assim, propor tecer

caminhos onde se discuta acerca desses fatores. Assim, a pesquisa visa estimular repensar e propor a transformação desses modos de entender a dança e a função dada à dança nesses contextos.

A função dada tende a limitar quanto as suas possibilidades de exploração e experimentação corporal. Pois o ensino da dança, principalmente após o seu reconhecimento enquanto área de conhecimento tem que ser um desafio constante do educador da dança, no que tange a também novas proposições de ensino, pois possibilita a visibilidade de uma área de conhecimento capaz de criar novos significados

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. 3. ed. Paz e Terra. São Paulo: 2003. p.
Tradução: Wolfgang Leo Mar;

PNE - Plano Nacional de Educação — Aprovado pela Lei nº 10.172/2001

Consulta Internet:

<http://espacofilosofia.blogspot.com/2008/03/educacao-e-emancipao.html> - acessado dia 19.08.2009